

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

TRISTES TRÓPICOS: A METRÓPOLE E A PERIFERIA NA PASSAGEM DE LÉVI-STRAUSS PELA CIDADE DE CUIABÁ

THE SAD TROPICS: METROPOLE AND PERIPHERY IN LÉVI-STRAUSS' COURSE THROUGH CUIABÁ TOWN, BRAZIL

Daniele dos Santos de SOUZA
(Universidade Federal de Mato Grosso)
danielesouza@ufmt.br

Márcio Cesar CARDOSO
(Universidade Federal de Mato Grosso)
teachermarciotm2@gmail.com

Fernando ZOLIN-VESZ
(Universidade Federal de Mato Grosso)
fernando_vesz@hotmail.com

Resumo: Este artigo busca analisar um dos capítulos que compõe o relato de viagem *Tristes trópicos*, escrito por Claude Lévi-Strauss, como resultado do transcurso do autor pelo Estado de Mato Grosso, notadamente sua capital, Cuiabá. Para tal análise, é operacionalizada a dicotomia entre metrópole e periferia na construção do conhecimento tido como científico, conforme proposta por Connell (2013a; 2013b). Conclui-se que o referido capítulo parece constituir-se como reprodução e manutenção da tradição científica eurocêntrica, que se pretende livre de valores e a-histórica, mas que se caracteriza como excludente e mantenedora de determinados privilégios produzidos como efeito do processo considerado científico.

Palavras-chave: *Tristes trópicos*. Metrópole-periferia. Cuiabá.

Abstract: *This article analyzes one chapter of the travel report Sad Tropics, written by Claude Lévi-Strauss, as a result of his course by Mato Grosso, notably its capital Cuiabá. For this analysis, it is operationalized the dichotomy between the metropole and the periphery in the construction of scientific knowledge, as proposed by Connell (2013a, 2013b). It is concluded that the chapter seems to constitute itself as the reproduction and maintenance of the Eurocentric scientific tradition, which intends to be value-free and non-historical, but it is characterized as excluding and maintainer of privileges produced as the effect of the scientific process.*

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Key words: *Sad tropics*. Metropole-periphery. Cuiabá Town.

0. Introdução

Acima de tudo, a autoridade pode, na verdade deve, ser analisada. (SAID, 2016: 50)

No bojo das reflexões acerca de autoridade e da produção de realidades, este artigo se propõe a discutir o capítulo XXI, intitulado 'O ouro e os diamantes', da obra *Tristes Trópicos* do renomado antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss. No referido capítulo, o autor relata seu transcurso por Mato Grosso em uma narrativa etnográfica que explora observações sobre as comunidades estudadas. Em sua busca pela descrição de sociedades encontradas fora do mundo definido como civilizado, Lévi-Strauss parece encontrar-se munido de construtos reprodutores e mantenedores da tradição científica eurocêntrica da metrópole, concorrendo, assim, para a continuidade da formação de monólogos (Connell, 2013b), o que contribui, de certa maneira, para a primazia de determinadas formas únicas, estabelecidas pela metrópole, para ser/estar no mundo.

Nesse aspecto, com base em uma visão trans/indisciplinar, lançamos mão de uma perspectiva que busque inventariar os construtos teóricos que possibilitaram o reforço da relação periferia e metrópole na passagem do referido pesquisador francês supracitado. Para tanto, filamos essa perspectiva teórica sob a égide definida por Moita Lopes (2006) como linguística aplicada de natureza trans/indisciplinar, a qual dialoga com autores de diferentes áreas do conhecimento, além de questionar formas tradicionais de produção do conhecimento.

Ainda de acordo com Moita Lopes (2006), tal necessidade de aproximação a áreas de conhecimento múltiplas deve-se ao fato de que muitos pesquisadores/muitas pesquisadoras sentem a necessidade de recorrer a teorias que questionem uma série de pressupostos cristalizados, além de "criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central" (MOITA LOPES, 2006: 14). Ademais, ainda de acordo com o autor, para que o(a) pesquisador(a) possa construir outros modos de teorizar e fazer linguística aplicada, julga-se necessário, primeiramente, superar determinadas discussões, como aquelas que versam sobre linguística aplicada como aplicação da linguística.

Assim, outros modos de fazer pesquisa são percebidos quando os pesquisadores/as pesquisadoras começam a ver o mundo por meio de outros "pares de óculos" (MOITA LOPES, 2006: 16), construindo o que e como pesquisar por meio de ferramentas teóricas de campos diversos.

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Enxergar o mundo por outras lentes, na perspectiva desta pesquisa, passa, a nosso ver, necessariamente por perceber o mundo por um olhar não ocidentalista, conforme aponta Moita Lopes (2006), para quem tal olhar deriva do processo de construção de conhecimento e do chamado mundo moderno que requereu a destruição de outras lógicas de vida e de outras formas de produzir conhecimento.

Ainda de acordo com Moita Lopes (2006), a lógica monocêntrica é perpetuada por entender conhecimento como teórico e separado da prática, além de imune ao modo como as pessoas vivem suas vidas cotidianas, seus sofrimentos, seus projetos políticos e desejos. O autor salienta também que a crítica a essa visão se resume em quem é o sujeito inscrito nela, pois os que se encontram às margens do que é considerado ciência ou conhecimento legítimo lutam para emitir suas vozes como forma igualmente válida de construir conhecimento e organizar a vida social, desafiando o conhecimento científico tradicional e sua desconsideração em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia a dia.

Na perspectiva aqui discutida, a lógica monocêntrica perpetua-se na definição dos povos colonizados como primitivos, além da segmentação teórica baseada em construtos da metrópole embora tais concepções pretendam-se autoridades e produtoras de verdade no que tange à periferia. Corroborando assim as fases de desenvolvimento da relação entre periferia e metrópole estabelecidas por Connell (2013a), para quem o relacionamento entre metrópole e periferia desenvolveu-se em três fases principais: a onda imperialista europeia; o estabelecimento de uma base sólida para a nova ciência; a validação da teoria dos "Funding Fathers". Assim, o estabelecimento de uma ciência na metrópole resultaria em um esforço para estabelecer sua base teórica sólida, ainda que, como aponta Connell (2013a), tais observações deram-se em grande parte nas colônias, traria a necessidade de validar tal construto por meio de seus pais fundadores.

No âmbito desse trabalho, observamos a validação da perspectiva ocidental nos relatos de viagem de Lévi-Strauss quando de sua passagem pela cidade de Cuiabá, suas impressões acerca de povos e locais e sua perspectiva eurocêntrica na observação da sociedade que encontrou no Brasil da década de 30, contribuindo, a nosso ver, para a manutenção e o reforço das noções de metrópole e periferia.

A relação dicotômica entre periferia e metrópole apresenta-nos o problema da autoridade e de quem a detém no que tange à legitimação do conhecimento e ao estabelecimento de sentidos de verdade. Assim, caberia ao pesquisador inventariar as experiências que poderão gestar novos horizontes e possibilidades. Entendemos que a linguagem e/ou o discurso possuem papel funcional na manutenção ou (re)produção dos

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

modos de produção de conhecimento, pois, ao relatar uma viagem, cenários são criados, pessoas e povos são descritos, formas de análise daquele ambiente são selecionadas, um destinatário para este relato é definido, em todas essas ações a linguagem está presente. Ressaltamos que a análise proposta não pretende questionar o legado científico deixado por Lévi-Strauss, mas, sim, um modo de produção de conhecimento que aponta para dicotomias ainda a serem superadas.

Para análise dos excertos, nos utilizamos nos conceitos foucaultianos de discurso, verdade e poder, a fim de compreender de que maneira tais enunciados, aqui denominados excertos, reproduzem um modo de produzir conhecimento mantenedor de binômios como metrópole e periferia, ou ainda, como podemos entendê-los como partícipes da malha discursiva que perpassa nossas práticas discursivas e acadêmicas ainda na atualidade. O estudo do discurso aqui proposto não se concentrará na análise da materialidade linguística, mas, sim, na análise dos efeitos de sentido produzidos pelos excertos da obra *Tristes Trópicos* aqui selecionados a partir da operacionalização dos conceitos metrópole e periferia (CONNELL, 2013a).

Entendemos que, tal qual Said (2016) na epígrafe dessa seção introdutória, a autoridade não só pode como deve ser analisada, visto que ao mesmo passo que o mundo social se transforma, também espera-se que formas tradicionais de produção de conhecimento se transformem de modo a permitir que as complexidades do mundo social sejam focalizadas através da hibridização de teorias e métodos, conforme proposto neste trabalho.

1. Metrópole e periferia: quem são afinal?

Termos como "Ocidente" e "Oriente" (SAID, 2016), ou ainda "Ocidente" e "o Resto" (HALL, 2016), têm sido empregados pelas ciências sociais e humanidades como esferas que retomam a visão política de construção de determinadas realidades cujas estruturas buscam promover a diferença entre dois mundos: de um lado, os ocidentais, e de outro, os orientais (SAID, 2016). A título de exemplo, a divisão dos países no mapa mundi entre ocidentais e orientais há tempos deixou de ser uma classificação geográfica, visto que os conceitos de Ocidente e de Oriente se configuram muito mais como históricos (HALL, 2016) do que como categorias fixas possíveis de serem colocadas sob o nome de cada país do globo terrestre. Para Said (2016), o binômio Ocidente e Oriente constitui uma lente pela qual o mundo é percebido e o conhecimento tem sido construído, "[...] por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, militar,

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo” (SAID, 2016: 29).

Nessa seara, para a escrita deste trabalho, adotamos os conceitos de metrópole e periferia (CONNELL, 2013a) para analisar o capítulo XXI, intitulado “O ouro e os diamantes” (p. 209-224), da obra *Tristes trópicos*, publicada em 1955, como resultado da passagem de Claude Lévi-Strauss pelo Brasil. Seguindo a perspectiva da autora, tomamos por metrópole o tipo de sociedade entendida como avançada, urbanizada e industrializada, concepção que se sustenta pela distinção com a periferia subdesenvolvida, primitiva e atrasada. Essa distinção entre a metrópole avançada e a periferia primitiva permitiu, de acordo com a autora, que conhecimentos sobre a última, incapaz de gerar conhecimento sobre si, fossem produzidos pela primeira.

Segundo Connell (2013a), a divisão social do trabalho possibilitou o surgimento de artesãos especializados e, em sociedades urbanizadas, escritos sobre a visão de como a ordem social e suas relações deveriam ser. A emergência desses conceitos fez surgir os pressupostos de sociedade organizada e civilizada, traduzida principalmente por países da Europa Ocidental, em contraposição à noção de nações periféricas e primitivas que não possuíam tal ordem social, sequer tal organização do trabalho. Assim, segundo a autora, a distinção entre metrópole e periferia foi também a diferenciação entre a produção de conhecimento teórico-científico, produzido na metrópole por universidades, institutos, museus e sociedades científicas, e a periferia, que não detinha esse tipo de organização e apenas servia de base de coleta de dados que seriam, posteriormente, enviados à metrópole para serem devidamente observados e cientificamente sistematizados.

Dessa forma, diversos teóricos e pesquisadores buscaram seus dados em lugares longínquos que se encontravam fora do chamado mundo civilizado. Para Connell (2013a), esse padrão foi mais evidente em campos como biologia e geologia, tendo Charles Darwin como expoente desse tipo de procedimento. Contudo, lembra a autora, o mesmo ocorreu no campo da sociologia, com dados coletados por viajantes, missionários, conquistadores e administradores coloniais, na ânsia por estabelecer bases de análise para posterior sistematização dentro do padrão considerado científico pelas instituições da metrópole. Em face do exposto, esse processo é denominado por Connell (2013b) como “economia política do conhecimento”:

o papel da periferia é fornecer dados e, posteriormente, aplicar o conhecimento na forma de tecnologia e método. O papel da metrópole, além de produzir dados, é examinar e processar os dados, produzindo teoria (inclusive metodologia) e desenvolvendo aplicações que serão posteriormente exportadas para a periferia (CONNELL, 2013b: 211).

Este artigo, portanto, propõe discutir o papel mantenedor da noção de metrópole presente na referida obra de Lévi-Strauss, em particular no capítulo XXI, que trata do transcurso do autor pelo Estado de Mato Grosso, notadamente sua capital, Cuiabá. Convidado, na década de 1930, para a cadeira de sociologia na recém-criada Universidade de São Paulo (USP), a experiência brasileira de Lévi-Strauss compreendeu os anos entre 1935 e 1939, viajando pelo Brasil durante suas férias para conhecer comunidades indígenas, tomando como parâmetro de análise as categorias consideradas científicas pela metrópole.

Para desenvolver tal análise, infringimos algumas convenções da escrita acadêmica, firmadas por instituições da metrópole, que gozam de autoridade para estabelecer o que pode e como deve ser produzido o conhecimento para ser validado como científico, principalmente no que se refere a apresentar o arcabouço teórico, orientador de nossas considerações, no decurso do texto. Em tempos em que aflora profundo questionamento dos modos tradicionais de fazer pesquisa nas ciências sociais e humanidades (MOITA LOPES, 2004), esta escolha possui relação com a discussão aqui proposta, a qual busca questionar, em última análise, as amarras construídas por uma ciência, de tradição eurocêntrica, cujo entendimento sobre avanço e progresso nas diferentes áreas técnico-científicas deve-se à soberania da metrópole para produzi-la, em especial sob o controle dominante de grandes aparelhos políticos, como a universidade (FOUCAULT, 2012). Nosso propósito envolve, portanto, o (re)dimensionamento dessa ciência, que se proclama a-histórica, mas se constitui, antes, como herdeira da relação metrópole-periferia na construção do conhecimento validado como científico. Em termos de gêneros acadêmicos, este texto se hibridiza entre o ensaio e o artigo científico clássico como modo de infração tanto da escrita acadêmica convencional quanto de uma ciência (re)produtora do binômio metrópole-periferia.

2. Cuiabá em *Tristes trópicos*: Lévi-Strauss na periferia

Professor da École Normale Supérieure, na França, Claude Lévi-Strauss foi convidado, na década de 1930, a ministrar aulas de sociologia na Universidade de São Paulo (USP). *Tristes trópicos* retrata não apenas o período inicial em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas também experiências vividas junto a tribos indígenas brasileiras durante expedição pela Serra do Norte, em Mato Grosso. Dessas experiências junto aos índios, o autor colheu material de pesquisa que daria projeção

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

internacional a sua obra, pois sintetiza questões sobre as relações sociais das comunidades estudadas. O resultado dessas análises parece trazer o mesmo tom déspota que transparece já no título da obra – *Tristes trópicos*. Segundo o autor, o Brasil se encontrava ocupado de forma desordenada (conforme o ideal de ordem prescrito pela metrópole) e, segundo seus relatos de viagem, isso resultou em degradação e desrespeito à exuberante natureza do país.

Desse modo, embora haja a premissa de analisar a organização de sociedades localizadas na periferia, essa descrição parece ter sido feita com base em construtos teóricos produzidos pela metrópole. O excerto abaixo, em que o autor descreve a chegada a Cuiabá e narra a recepção do bispo, sugere a visão da metrópole para a caracterização da periferia.

Excerto 1

Com o bispo é a mesma coisa: os índios, procura ele explicar-me, não são tão ferozes e estúpidos quanto se diz; poderia eu imaginar que uma índia bororo tinha tomado véu? Que os irmãos de Diamantino tinham conseguido – a custa de quantos esforços – fazer de três Pareci marceneiros aceitáveis? E, no plano científico, os missionários recolheram, na verdade, tudo que valia a pena ser preservado. Sabia eu que o inculto Serviço de Proteção escreve “Bororó”, com acento tônico na última vogal, quando o Padre Fulano já provou, há 29 anos, que ele cai na intermediária? Quanto às lendas, conhecem eles a do Dilúvio, prova de que o Senhor não quis que permanecessem danados. Vou até eles, seja. Mas, sobretudo, que me abstenha de comprometer a obra dos Padres: nada de presentes fúteis, espelhos ou colares. Somente machados; esses preguiçosos devem ser conduzidos na santidade do trabalho (LÉVI-STRAUSS, 1957: 214).

No excerto, observa-se que a noção de ferocidade e de estupidez para a definição dos indígenas, atribuída pela metrópole, subjaz a própria narração do autor. O emprego do sintagma “poderia eu imaginar”, para introduzir a primeira das indagações apresentadas, parece apontar para esse tipo de conhecimento sobre os habitantes da ex-colônia portuguesa. O bispo, contudo, alerta para a incompletude dessa suposta verdade, pois, após séculos de intervenção da metrópole, uma índia havia casado (“pegado véu”), evidenciando que poderia ser considerada passível de comungar crenças oriundas da metrópole civilizada, como o matrimônio. Além disso, com muito esforço, três indígenas (da etnia Pareci) haviam aprendido um ofício reconhecido pela metrópole, ainda que em condições apenas aceitáveis, já que os indígenas, “esses preguiçosos”, precisam ser “conduzidos na santidade do trabalho”, como o autor descreve ao final do excerto. Daí a recomendação do bispo para que a visita do autor às aldeias não prejudique o trabalho dos padres, não devendo o pesquisador oferecer aos indígenas presentes que possam distraí-los do objetivo maior dos missionários: transformá-los em trabalhadores segundo a deliberação

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

do que significa trabalho, conferida pela metrópole. A nosso ver, essa orientação do bispo ao autor aponta para a não interferência na catequização das comunidades indígenas, a fim de que possam se converter em povos civilizados, conforme a interpretação outorgada pela própria metrópole e, dessa forma, afeitos ao que ela lhes impunha como plausível.

Já o recolhimento, por parte dos missionários, de “tudo que valia a pena ser preservado” sugere a análise dos dados colhidos na periferia para posterior sistematização na metrópole – os parâmetros para definir “o que vale a pena ser preservado” são definidos pela metrópole. Entretanto, não apenas objetos, mas também registros das línguas indígenas, feitos com base em critérios de classificação fonética estabelecidos nas sociedades da metrópole, provocam outras indagações ao autor, uma vez que “o inculto Serviço de Proteção” indígena da periferia insiste em escrever Bororó, escamoteando o estudo, desenvolvido segundo modelos teórico-científicos definidos pela metrópole, que resultou na afirmação de que a sílaba tônica se encontra em posição intermediária na referida palavra – se há a comprovação científica, atestada segundo referências teóricas concebidas na metrópole, entendidas como avançadas, sobre as línguas, o autor questiona como a instituição responsável pela defesa das comunidades indígenas ainda persiste no suposto erro. Isso parece apontar para a universalidade do saber produzido pela metrópole (CONNELL, 2013b). Destarte, a menção ao conhecimento acerca do episódio bíblico do dilúvio pelos indígenas sugere, uma vez mais, essa percepção de que as crenças e conhecimentos da metrópole são considerados universais. Entretanto, em vez de associar a aprendizagem sobre a lenda provavelmente à catequização, o autor a tacha como prova de que o deus da religião hegemônica da metrópole não os havia esquecido ou relegado à danação. Vemos, portanto, a imposição da matriz cristã ocidental da metrópole como parâmetro universalizado para a análise e procedimento de descrição das sociedades apontadas como periféricas.

Essa universalidade, que glorifica o conhecimento produzido pela metrópole, parece contribuir decisivamente, portanto, para o modo como a periferia é descrita. Nos excertos que seguem, é a legitimação de uma visão essencialista sobre o sujeito periférico, distinto do metropolitano, que suscita quando o autor caracteriza libaneses e sírios, habitantes de Cuiabá, como “usurários”, ou como aqueles que praticam fraudes.

Excerto 2

Dias inteiros transcorrem no fundo das lojas de comerciantes libaneses, chamados turcos: meio atacadistas, meio usurários, que alimentam em quinquilharias, tecidos e medicamentos, dezenas de parentes, clientes ou protegidos os quais, cada um munido dum carregamento comprado a

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

crédito irá, com alguns bois ou uma piroga, extorquir os últimos mil-réis perdidos no fundo do mato ou ao longo dos rios (LÉVI-STRAUSS, 1957: 215).

Excerto 3

[...] Há um outro negócio. O sírio Fozzi enriqueceu-se, segundo se diz, adquirindo a baixos preços diamantes impuros, que aquecia num fogareiro Primus antes de mergulhá-los num colorante (LÉVI-STRAUSS, 1957: 220).

A presença, principalmente de sírios e libaneses, em Cuiabá teve seu início ainda no final do século XIX, durante as décadas de 1860 e 1870 (BRANDÃO, 2007; ZOLIN-VESZ, 2015, 2016a, 2016b). O comércio foi a principal atividade econômica desenvolvida por esses migrantes¹, uma vez que, conforme observa Rabossi (2014), tratava-se de “[...] uma atividade com retorno rápido, com a possibilidade de lucro e a prospectiva de investimento em novas oportunidades” (RABOSSO, 2014: 97), tendo em vista que o principal objetivo desses migrantes envolvia “acumular um montante de capital que permitisse a eles e ao grupo social envolvido no projeto migratório manterem padrões de propriedade e consumo que os distinguíssem socialmente do campesinato tradicional” (PINTO, 2010: 70) e/ou lhes conferir “um status de classe média urbana” (PINTO, 2010: 70). Vale lembrar que esses propósitos se referem ao complexo processo da migração árabe ao Brasil, em especial de sírios e libaneses. Como observa Zolin-Vesz (2016b), essa complexidade parece estar relacionada com a interferência de potências europeias, particularmente Inglaterra e França, na dinâmica social, política e econômica da sociedade otomana desde, ao menos, o século XVII até o fim do Império, criando tensões sociais e conflitos sectários, e culminando no quadro colonial imposto às então ex-províncias do Império, como a Síria e o Líbano.

Entretanto, a narrativa apresentada por Lévi-Strauss sugere generalizações dos migrantes de origem árabe, associando-os a determinadas concepções essencialistas, como aqueles que, irremediavelmente, surrupiam, por meio de seus comércios, a população local, quer por meio da atividade de mascate, a qual, de acordo com o segundo excerto, “extorque os últimos mil-réis perdidos no fundo do mato ou ao longo dos rios”, compondo uma gama de comerciantes gananciosos, usurários, que buscam o lucro a qualquer preço por meio da venda de quinquilharias, quer mediante a “venda de diamantes impuros mergulhados em colorante”, segundo o terceiro excerto. A sustentação da homogeneidade dos povos periféricos contribui para reforçar a distinção com a metrópole: por um lado, a periferia atrasada e subdesenvolvida, que ainda conserva práticas ilícitas de comércio por

¹ Neste trabalho, preferimos o termo migrante a imigrante ou emigrante. Todo imigrante é também emigrante, e migrante nos parece abarcar ambos os termos.

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

intermédio principalmente dos migrantes de origem árabe, enquanto a metrópole é dotada de características benfazejas de avanço e de progresso nas diferentes áreas técnico-científicas, as quais permitem que o autor goze de autoridade para descrever/realçar, de forma depreciativa, apenas esses traços sobre o comércio desenvolvido pelos migrantes árabes, de modo a generalizá-lo indistintamente. Essa descrição parece guardar resquícios do orientalismo europeu, que Said (2016) define como “uma visão política da realidade, cuja estrutura promovia a diferença entre o familiar – a Europa, o Ocidente, ‘nós’ – e o estranho – o Oriente, o Leste, ‘eles’ (SAID, 2016: 78), porém de feição mais abrangente: o conjunto de “libertinos a cavalgar camelos, com narizes aduncos, terroristas, venais, cuja riqueza imerecida é uma afronta à verdadeira civilização”, conforme nos reporta Said (2016: 160) em relação aos povos árabes, agora expande seus domínios para outros recantos da periferia, disseminando práticas não legitimadas pelas avançadas sociedades da metrópole – como se formas fraudulentas de comércio fossem exclusividade das sociedades apontadas como periféricas.

Essa generalização parece também acompanhar a forma “turco”, recuperada do orientalismo brasileiro (PINTO, 2010) pelo autor, para se referir aos comerciantes libaneses no segundo excerto. Como bem destaca Pinto (2010), o termo não era uma simples categoria administrativa, conferida aos portadores de documentos do Império Otomano durante o período de migração ao Brasil, mas “também recobria uma identidade marcada pela alteridade cultural negativa que era atribuída aos migrantes oriundos do Oriente Médio” (PINTO, 2010: 79). A retomada de determinado atributo diminutivo sobre os migrantes árabes aponta, a nosso ver, para substanciar, uma vez mais, a construção da periferia como inferior, legitimando, assim, determinados sentidos produzidos pelas sociedades da metrópole sobre as sociedades periféricas. Isso pode ser analisado, de igual modo, quando o autor descreve a cidade de Cuiabá como pouco atrativa ao viajante: “à esquerda, o bispado; à direita, o palácio do governo, e, no canto da rua principal, o albergue – único naquela época – mantido por um gordo libanês” (LÉVI-STRAUSS, 1957: 213). O emprego do adjetivo “gordo”, em referência ao proprietário de origem libanesa do albergue, dentro do espectro apresentado pelo autor em relação aos migrantes árabes da cidade, converge, em nosso entender, para a construção de sentidos aviltantes que colaboram para a distinção entre a metrópole e a periferia, como vimos abordando ao longo desta análise, associada à concepção do orientalismo: em uma cidade sem atrativos de uma sociedade periférica, o dono do único albergue não merece sequer ser nomeado – o uso de um adjetivo que sugere sua desqualificação já se torna satisfatório, uma vez que se trata de um migrante oriundo de outra sociedade periférica a qual,

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

retomando Said (2016: 160), sintetiza “uma afronta à verdadeira civilização”.

Nesse andar, de modo símile, ao cidadão da metrópole que estabelece morada na periferia é atribuída determinada apresentação que visa a despi-lo das qualidades ditas inerentes aos que não abandonaram suas origens metropolitanas. Ao dispor um de seus parágrafos para relatar sobre os franceses que se fixaram em Cuiabá, nomeados apenas como “irmãos B...”, o autor ressalta o fato de que eles já “falavam a língua materna com uma voz longínqua, cantante e com hesitação” (LÉVI-STRAUSS, 1957: 213), como se já estivessem tão mergulhados na vida da periferia, que, aos poucos, foram perdendo a “essência” de sua língua materna. Esse desleixo em relação à própria língua materna parece constituir tamanho dissabor para o autor que os conterrâneos não merecem sequer serem designados pelo sobrenome da família, satisfazendo-se apenas com a menção da suposta letra inicial. Em contrapartida, “o sírio Fozzi”, mencionado pelo autor no segundo excerto, não apenas ganha nome como também é descrita em detalhes a atividade comercial, apontada como ilícita pelo pesquisador, que o árabe desenvolve na cidade de Cuiabá. Essas (não)denominações, aqui apresentadas, colaboram, a nosso ver, para a confirmação, que o autor parece pretender, da supremacia das sociedades da metrópole em comparação com as chamadas sociedades periféricas, de tal modo que os membros das últimas podem ser abarcados sob rótulos genéricos (“turcos”) ou nem sequer ser nomeados (“gordo libanês”, “irmãos B.”), a não ser quando desempenham alguma prática considerada ilícita pelo próprio autor – “o sírio Fozzi” e a “venda de diamantes impuros mergulhados em colorante”.

Sem pormenorizar, a descrição dessa periferia atrasada, conforme apresentada por Lévi-Strauss nesta breve análise do capítulo XXI, da obra *Tristes trópicos*, contribui não apenas para solidificar a concepção de metrópole avançada, mas, principalmente, para construir uma monocultura do saber científico, que deprecia e, de consequência, rejeita e exclui outras formas de produzir conhecimento nas ciências sociais e humanidades, como se todas as instâncias da vida social devessem ser compreendidas da mesma forma e a partir do mesmo prisma – aquele considerado como válido por instituições e sujeitos autorizados pela metrópole –, a exemplo do orientalismo europeu, desmembrado no orientalismo brasileiro, que atribuía aos “turcos” “[...] todas as características negativas de um ‘Oriente’ construído a partir de uma visão exotizante e depreciativa da cultura árabe, do cristianismo oriental e do islã” (PINTO, 2010: 79), cujo efeito, mesmo em épocas mais recentes, pode ser percebido, em especial após o atentado de 11 de setembro de

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

2001, nos Estados Unidos, por meio da conjuntura de ameaça que passou a ser imputada indistintamente aos povos árabes.

3. Palavras finais

Neste artigo, buscamos abordar as noções de periferia e de metrópole em *Tristes Trópicos*, de Claude Lévi-Strauss, especificamente no capítulo XXI, que retrata a passagem do autor pela cidade de Cuiabá, de modo a discutir a contribuição que a referida obra parece desempenhar no tocante à dicotomia metrópole avançada *versus* periferia primitiva, gozando o autor de autoridade para classificar, generalizar e até mesmo depreciar alguns de seus "achados" em terras Pareci. Embora Lévi-Strauss lance mão da presunção de estudar, analisar e descrever sociedades periféricas, *Tristes Trópicos* parece constituir-se como reprodução e manutenção da tradição científica eurocêntrica, que se pretende livre de valores e a-histórica, mas que se caracteriza como excludente e mantenedora de determinados privilégios produzidos como efeito do processo considerado "científico", por meio do conhecimento elaborado nas instituições da metrópole, autorizadas para tal fim, com o propósito de produzir o aparato teórico-científico a fim de analisar e compreender o panorama encontrado nas sociedades denominadas periféricas para, em seguida, exportá-lo de volta às sociedades periféricas.

Contudo, nestas palavras finais, enfatizamos o caráter de assunção da autoridade intelectual eurocêntrica para caracterizar e descrever sociedades que se encontram fora do chamado mundo civilizado ocidental, a que as sociedades da metrópole são colocadas em oposição. Se, como nos lembra Foucault (2012), a universidade é um dos aparelhos políticos que goza de autoridade para controlar a produção e a transmissão do que pode ser considerado como conhecimento científico válido em determinado momento sócio-histórico, essa autoridade, conforme observa Said (2016) na epígrafe que abre este texto, não só pode como deve ser analisada e, acrescentaríamos, questionada. Apesar de, em nosso entender, o fazer científico ainda ressoar seu canto de sereia, tentando manter nossas práticas, a todo instante, nas profundezas da tradição eurocêntrica da metrópole, ou seja, considerada como livre de valores, a-histórica e que proclama como único conhecimento válido essa ciência, de base eurocêntrica, que classifica, universaliza e exclui, oxalá possamos abarcar uma concepção de não neutralidade da ciência, que a concebe como prática sociocultural intencional e sujeita a interesses de acordo com determinados momentos sócio-históricos, constituindo-se menos universalizante e excludente. Que possamos começar, ao menos, pelo questionamento da autoridade!

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Referências bibliográficas

BRANDÃO, G. A. Sírios e libaneses em Cuiabá: imigração, especializações e sociabilidade. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

CONNELL, R. Between periphery and metropole – towards a polycentric social science. In: DANELL, Rickard; LARSSON, Anna; WISSELGREN, Per. (Ed.) *Social Science in context: historical, sociological, and global perspectives*. 1 ed. Lund: Nordic Academic Press, 2013a: 237-255.

CONNELL, R. Using Southern theory: decolonizing social thought, research and application. *Planning Theory*, v. 13, n. 2: 210-223, 2013b.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

HALL, Stuart. O Ocidente e o Resto: discurso e poder. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 56: 314-361, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30023/20834>>. Acesso em 8 jun. 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Trad. Wilson Martins. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. *Scripta*, v. 7, n. 14, 2004: 159-171.

PINTO, P. G. H. R. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

RABOSSO, F. Terrorist frontier cell or cosmopolitan commercial hub? The Arab and Muslim presence at the border of Paraguay, Brazil, and Argentina. In: AMAR, Paul. (Ed.) *The Middle East and Brazil: perspectives on the new global South*. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 92-115.

SOUZA, Daniele dos Santos de; CARDOSO, Márcio Cesar; ZOLIN-VESZ. Tristes Trópicos: a metrópole e a periferia na passagem de Lévi-Strauss pela cidade de Cuiabá. *Revista Intercâmbio*, v. XLII: 1-14, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. 4. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ZOLIN-VESZ, F. *Conheça o Alli Barato e os 40% de desconto: o Oriente bem aqui*. *Polifonia*, v. 22, nº 31, pp. 538-553, 2015.

_____. Terra de todos? - As narrativas sobre a (recente) migração árabe na cidade de Cuiabá. In: BRAGANÇA, I. F. S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (Orgs.) *Perspectivas epistémico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016a). pp. 301-310.

_____. (Por entre) As narrativas que (não) nos contam sobre a migração árabe na cidade de Cuiabá. In: ZOLIN-VESZ, F. (Org.) *Linguagens e descolonialidades - arena de embates de sentidos*. Campinas: Pontes, 2016b, pp. 59-73.